

Apresentação

[Presentation]

REVISTA
com política

revista compolítica

2018, vol. 8(2)

compolitica.org/revista

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2018.8.2.201

 Open Access Journal

Alessandra Aldé

Universidade Estadual do Rio de Janeiro
[Rio de Janeiro State University]

Emerson Urizzi Cervi

Universidade Federal do Paraná
[Federal University of Paraná]

Viktor Chagas

Universidade Federal Fluminense
[Fluminense Federal University]

Apresentação

Alessandra ALDÉ
Emerson Urizzi CERVI
Viktor CHAGAS

Entre as Ciências Sociais, a Ciência Política talvez seja aquela que mais sofre com a pressão exercida pelo elemento conjuntural. Em razão disso, e como especialidade que conjuga e intersecciona as áreas da Comunicação e da Ciência Política, a Comunicação Política é também marcada por análises premidas pelo tempo, seja porque o cenário rapidamente muda (por exemplo, de uma eleição a outra, ou, às vezes, de modo ainda mais extemporâneo, com um golpe de Estado e/ou um rearranjo drástico de forças), seja porque as tecnologias da comunicação são igualmente voláteis e sua volatilidade implica, por si mesma, em reconfigurações no cenário político e social. O tempo da política, portanto, – e, por consequência, da comunicação política, – não é o mesmo que o tempo da ciência. Apesar das diferenças, eles se retroalimentam. O tempo, e espaço, da ciência oferecem cada vez mais insumos e novos elementos para as relações que se dão no tempo, e espaço, da política. Direta ou indiretamente, algumas das reflexões proporcionadas pelos artigos apresentados nesta edição da Revista Compólitica apelam para esta relação.

O estudo conduzido por Vera França, Paula Simões, Ana Karina Oliveira, Laura Lima, Maria Lúcia Afonso, Clara Bontempo e Samuel Pereira, da UFMG, abre este número com resultados de uma pesquisa abrangente que procura identificar as principais correntes teóricas e autores a que os estudos no campo da Comunicação Política no Brasil têm se afiliado. Tomando como ponto de partida os artigos apresentados no grupo de trabalho de Comunicação e Política nos encontros anuais da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) em um período de dez anos (2006-2015), “Comunicação e Política: mapeando autores/as e teorias mobilizados no Brasil” conclui que o número de autores e obras citados indica diversidade de fontes mas aponta também para um certo grau de dispersão, isto é, não há, em princípio, coesão que possibilite apreender uma escola teórica preponderante. Além disso, operando em uma escala de tempo de duração mais ampliada, os pesquisadores identificam que, nos últimos anos, os principais autores do campo têm intensificado o debate sobre a relação entre internet e democracia.

O tempo da política é chave para o artigo de Maria Helena Weber, Ana Javes Luz e Sandra Bitencourt Barreras, da UFRGS. As pesquisadoras discutem o que conceituam como uma Equação da Política Provisória. Girando em torno de uma análise sobre a disputa no segundo turno ao governo do estado do Rio Grande do Sul, nas eleições de 2014, o texto, intitulado “Equação da Política Provisória: a Comunicação na disputa de afetos e votos”,

reflete sobre a importância do tempo da propaganda eleitoral para traduzir o projeto político e o perfil das candidaturas. A conclusão é de que a equação é constituída por uma síntese política, uma síntese afetiva e uma síntese comunicacional, que se constituem como estratégias para os atores políticos.

O artigo “A narrativa do impeachment de Dilma Rousseff nas páginas dos jornais brasileiros”, de Carla Rizzotto, Daniela Drummond, Diego Antonelli e Paulo Ferracioli, da UFPR, se debruça sobre a cobertura jornalística do processo de impeachment sofrido por Dilma Rousseff desde o início do trâmite, em 2 de dezembro de 2015, até a decisão final, em 31 de agosto de 2016. Com base em uma análise de enquadramento multimodal, o texto analisa um conjunto de 997 notícias que constroem uma narrativa sobre o acontecimento calcada em elementos como dramatização, emoção, personalização, e que se esmera em atribuir papéis como de vilã à personagem da ex-presidente.

A construção de uma imagem pública é também tema do artigo “‘João Trabalhador Criativo’? A economia criativa nas postagens do prefeito João Doria Jr. no Instagram”, de Diego Santos Vieira de Jesus e Adriane Figueirola Buarque de Hollanda (ESPM-Rio). Os autores argumentam que o então prefeito de São Paulo, João Doria Jr., se propõe a reforçar, por meio de seus perfis em mídias sociais, a imagem de “empreendedor criativo”, isto é, de um empresário capaz de encontrar soluções administrativas para o desenvolvimento econômico de São Paulo. As hashtags adotadas pelo prefeito, #JoãoTrabalhador e #AceleraSP, no entanto, apresentam uma contradição interessante entre a ênfase no modelo industrial de Doria e a retórica calcada na inovação social e na economia criativa.

Já o artigo de Ana Clara Gomes Costa, da UFRJ, “Corrupção e desigualdade como sintomas do submundo do desenvolvimento”, questiona a associação comum entre corrupção e subdesenvolvimento, propondo um caminho inverso, segundo o qual a perspectiva neoliberal é que é responsável pelas bases para a desigualdade social e, por conseguinte, os dilemas envolvendo a corrupção. Uma contribuição importante do texto é relacionar corrupção a uma forma de violência política estrutural.

E o texto “Mulheres negras e imprensa feministas: vozes, interseccionalidade e cidadania”, de Viviane Gonçalves Freitas, da UFMG, faz uma leitura histórica sobre dois veículos da imprensa feminista negra, o jornal *Nzinga Informativo* (1985-1989) e o site *Nós, Mulheres da Periferia* (2012-), e busca entender como questões concernentes ao debate sobre interseccionalidade no feminismo repercutem nesses canais. A conclusão da autora é de que esta imprensa alternativa contribui para um discurso de perspectiva mais plural e se afilia ao que Fraser caracteriza como “contrapúblicos subalternos”.

Na seção de extras, a edição traz ainda os artigos “A Comunicação Política depois do Golpe – notas para uma agenda de pesquisa”, de Afonso Albuquerque (UFF), e “O Judiciário na crise política: os ‘recados’ públicos do Supremo Tribunal Federal”, de Grazielle

Albuquerque (Unicamp), respectivamente primeiro e segundo lugares do Prêmio de Ensaio sobre Conjuntura da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (Compolítica). O concurso foi realizado no primeiro semestre de 2018. A análise de conjuntura, um dos motes mais caros aos estudos que atuam na interface entre Comunicação e Política – basta atentarmos à própria constituição do campo, no Brasil, a partir de estudos sobre a relação entre mídia e eleições – nos dá a exata dimensão sobre como o tempo é elemento importante nos esforços analíticos que desempenhamos. O texto de Afonso Albuquerque sustenta que a pesquisa brasileira, notadamente no campo da Comunicação Política, reproduz premissas e modelos estrangeiros, e, em vista disso, pouco contribui para resolver questões prementes da realidade social do país. Ele chama atenção para o quanto pesquisadores brasileiros foram incapazes de prever e compreender o golpe jurídico-parlamentar de 2016. Grazielle Albuquerque, por sua vez, argumenta que a Justiça desempenhou papel fundamental no cenário político contemporâneo, destacando a atuação do STF na crise brasileira, não mais como ator restrito aos bastidores, mas como agente que ganha uma dimensão midiática cada vez mais decisiva.

Por último, mas não menos importante, esta edição da Revista Compolítica celebra o tempo de dedicação e a contribuição inestimável da colega Alessandra Aldé (Uerj) à frente da Coordenação Editorial da publicação desde a sua origem. Fundadora da revista, em 2011, ex-presidente (2013-2015) e ex-vice-presidente (2011-2013) da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (Compolítica), Alessandra é particularmente responsável pelo êxito desta empreitada, e, certamente, ainda que não na Comissão Editorial, estará conosco nos desafios que virão. A partir da próxima edição, em 2019, une-se à equipe, na condição de editor-chefe, junto com os colegas Emerson Urizzi Cervi (UFPR) e Viktor Chagas (UFF), o professor Ricardo Fabrino Mendonça (UFMG). Que seja bem-vindo! À Alessandra, nosso muito obrigado!